

Histórias maravilhosas da espiritualidade

Contadas pelo Espírito

Antônio Carlos

Psicografado pela médium

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho



Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha

CEP 03646-000 – São Paulo – SP

Fone: (0xx11) 2684-6000

www.petit.com.br | petit@petit.com.br

A Encarnação Anterior de Taciana



Taciana estava com dezessete anos e cursava o segundo ano do ensino médio. Estudava pela manhã e, à tarde, fazia todo o serviço de sua casa, porque a mãe, para ajudar nas despesas domésticas, trabalhava como diarista. Morava numa casa pequena e simples, num bairro residencial. Eram pobres. Taciana, como quase todos os jovens, sonhava em ter objetos caros, como boas roupas, e estudar em colégio particular. Era mais sonhadora do que interessera. Possuía estatura média, cabelos e olhos castanhos, destacando o sorriso cativante e agradável.

Namorava Daniel, um rapaz que residia perto de sua casa. Ele também era pobre, estava com dezenove anos e cursava o terceiro ano do ensino médio à noite. Trabalhava como vendedor em uma loja de sapatos. Durante o dia, ainda fazia o serviço militar, o Tiro de Guerra. Honesto e trabalhador, Daniel gostava muito de Taciana. Mas não

sobrava tempo para namorar, o que era motivo de muitas queixas da jovem.

– Taciana – disse sua mãe –, o açougue da avenida mudou de dono, vá lá e compre carne mais barata.

Taciana não gostava de fazer compras para casa, mas foi. Conheceu, então, o filho do dono do açougue, Aloísio, que a atendeu gentilmente e se encantou com ela. Taciana percebeu o interesse dele e o incentivou. Aloísio tinha vinte e três anos, trabalhava com o pai, que tinha outros açougues. Era alto, forte e um tanto gordo.

Taciana pela primeira vez não se aborreceu em ir fazer compras e começou a passar muitas vezes na frente do açougue. Sentiu satisfação com a atenção de um rapaz mais velho e bem de situação financeira. Durante a semana voltou mais vezes ao açougue, conversou com Aloísio e aceitou encontrar-se com ele à noite, na praça ali perto. Taciana foi ao encontro toda enfeitada e contente. Aloísio era educado, de conversa agradável e sentiu-se atraído por ela. Encontraram-se várias vezes. Taciana escondeu de Aloísio que tinha um namorado. Ela sentia que gostava de Daniel, porém Aloísio lhe pareceu uma aventura interessante. Também se sentiu atraída por ele.

Daniel soube dos encontros de Taciana com Aloísio e lhe pediu satisfação.

– Daniel – falou a mocinha –, só tenho conversado com Aloísio, não o estou namorando. Você é o culpado, quase não o vejo, não saímos nem parece que namoramos.

– A queixa de sempre – respondeu Daniel. – Você sabe que necessito estudar e trabalhar. Faço isso por você, para que nosso futuro possa ser melhor. Não é certo você conversar com outro, na praça.

– Daniel, quero terminar o namoro e ser livre para falar com quem eu quiser.

Discutiram por minutos e terminaram o namoro. Daniel ficou muito triste, entretanto tinha esperanças de reatar logo o relacionamento.

Taciana sentiu-se livre.

No outro dia, Aloísio pediu à Taciana que o encontrasse na praça às vinte horas. A garota prometeu ir e realmente antes das vinte horas lá estava ela esperando por ele. Aloísio chegou, sentou-se e disse:

– Taciana, hoje atrasamos nosso trabalho no açougue. Tenho ainda que fechar o estabelecimento e acertar o caixa. Vim avisá-la que voltarei ao açougue, mas não demoro; fecho e venho para conversarmos. Vai me esperar?

– Espero sim, fico aqui.

Taciana esperou por quase vinte minutos. Como Aloísio não voltava, resolveu ir encontrar-se com ele. O açougue ficava perto, a um quarteirão da praça. Achou a porta aberta, empurrou-a, não viu ninguém, estranhou e resolveu entrar.

– Aloísio! Aloísio! – chamou baixo.

Ninguém respondeu. Deu mais uns passos devagar, passou pelo balcão e viu Aloísio caído numa poça de sangue, com uma faca enfiada no peito. Entrou em pânico e, querendo ajudar sem saber como, tirou a faca, limpou o sangue na própria roupa e depois gritou desesperadamente.

Logo o açougue ficou cheio de gente. A polícia foi chamada e Taciana continuou a gritar até que desmaiou. A polícia levou-a para um hospital, onde só foi acalmada com medicação para dormir, porque voltou do desmaio gritando desesperada.

A polícia e a família de Aloísio tinham certeza de que Taciana cometera o crime. Falaram de tudo. Que Aloísio tentou agarrar Taciana e esta se defendeu. Que brigaram. Que Taciana o matou num ataque de loucura.

Taciana, no hospital, dormiu por vários dias. Até que finalmente acordou, observou curiosa onde estava, olhou as pessoas e percebeu que ao lado do seu leito havia outro, ocupado por uma senhora que a observava.

– Não vai gritar? – indagou a mulher.

– Eu?! – disse Taciana espantada.

– Sim, você acorda e grita, aí lhe dão uma injeção e você dorme de novo. Como se chama?

– Maria do Carmo.

– Ora, falaram-me que você se chama Taciana.

– Não, meu nome é Maria do Carmo. Não conheço ninguém chamada Taciana – falou convicta.

Acordou tranqüila, serena e disposta. Logo a enfermeira veio atendê-la. Estranhou o comportamento da paciente e também o fato de ela dizer que se chamava Maria do Carmo. Comunicou o fato ao médico de plantão, que logo veio vê-la.

– Caso de dupla personalidade – diagnosticou. – Não é nossa especialidade. Melhor que faça um tratamento especializado. Vamos mandá-la para um sanatório.

A família de Taciana ficou desesperada com o acontecimento. Os pais foram visitá-la, porém ela não os reconheceu e, com a ajuda do patrão do pai de Taciana, removeram-na para um sanatório. Taciana foi tranqüila, falava pouco, só insistia que se chamava Maria do Carmo.

A família de Aloísio não acreditou na possível doença de Taciana e pressionou a polícia. Um delegado foi visitá-la

e estranhou o seu comportamento. A Justiça determinou que Taciana não poderia sair de lá sem autorização.

No sanatório, quem passou a cuidar de Taciana foi o doutor Cassiano, que lhe receitou muitos remédios.

No dia de visita, seus pais foram vê-la e Daniel os acompanhou. Para surpresa de todos, Taciana reconheceu o moço, porém o chamou de modo diferente.

– Mário Luiz! Que bom vê-lo! Que roupas estranhas são essas? Está engraçado!

Daniel não soube o que responder e preferiu indagar:

– Como está você? Está bem?

– Não sei, dizem que estou doente e num sanatório.

O que é sanatório? Nunca ouvi falar.

– É um lugar onde os doentes são curados.

– Que tenho?

– Não sei.

Daniel inquietou-se e demonstrou que já ia embora. Taciana tentou segurá-lo.

– Mário Luiz, não vá! Não conheço ninguém neste lugar. Você é a primeira pessoa conhecida que vejo aqui. Sinto-me tão sozinha!

– Tenho que ir! Até logo! Volto em outro dia.

– Promete voltar?

– Voltarei.

Daniel saiu. A mãe de Taciana sofreu muito vendo a filha naquele estado e foi embora chorando. Taciana, porém, continuou tranqüila.

O sanatório em que Taciana estava internada, era dirigido por um grupo espírita, que se reunia no salão de visitas do sanatório, duas vezes por semana, para preces, estudo do Evangelho e passes. Os enfermos que quisessem

participar, iam até o salão. Mas todos ali eram beneficiados com os trabalhos do grupo. Doutor Cassiano era de família espírita e dizia ser espírita, porém tinha muitas dúvidas. Ele e os dirigentes da casa se davam bem. Era amoroso com os pacientes e estes gostavam muito dele. Amava o que fazia.

Examinou Taciana e atestou que ela não estava fingindo e que necessitava ficar internada.

Daniel não se conformou em ver Taciana confusa daquele jeito. “Ela me chamou de Mário Luiz como se este fosse realmente meu nome. Que terá acontecido com ela?”

A avó de Daniel, dona Heloísa, era espírita. Frequentava um centro espírita, era médium e passista. Daniel gostava do espiritismo, mas não frequentava nenhum centro por falta de tempo. “Acho que vovó poderá nos ajudar” – pensou. Procurou a avó e contou-lhe todo o problema, finalizando:

– Vovó, por favor, tente ajudar Taciana, senão ou ela fica louca de vez ou vai para a prisão. Conheço-a muito bem, ela não está fingindo como julga a família de Aloísio. Dizem eles que ela inventou chamar-se Maria do Carmo para se inocentar. Mas, vovó, ela fala com muita certeza que se chama Maria do Carmo. Sinto que ela é inocente!

Dona Heloísa pediu ajuda aos trabalhadores espirituais do centro espírita. Um amigo meu desencarnado, Paulino, foi encarregado de ajudar Taciana. Ao ver-se diante de um caso raro e um tanto complicado, lembrou-se de mim e me procurou.

– Antônio Carlos, Taciana e Maria do Carmo são um enigma. Gostaria que o amigo me ajudasse no caso.

Trocamos idéias, interessei-me e foi um prazer unir-me a Paulino para tentarmos desvendar o mistério. Ao examinar Taciana, conclui:

– Paulino, esta menina, pelo choque que sofreu, esqueceu-se de sua existência atual e mergulhou no passado, em que se chamava Maria do Carmo, e quando conheceu Daniel como Mário Luiz.

– Isto é possível? Você quer dizer que, para ela, Taciana nunca existiu e que ela é Maria do Carmo, a personagem da encarnação passada?

– É isso mesmo, meu amigo. Pelo choque, ela recordou a encarnação passada e pelo medo, pelo pavor que teve, refugiou-se nessas lembranças e assumiu a personalidade anterior.

– Não sabia ser isto possível! – exclamou Paulino.

– É um fato raro, mas acontece – respondi. – Aconteceu com Taciana, porém muitas pessoas levam sustos e traumas maiores e este fato não ocorre.

– Os médicos encarnados dizem ser um caso de dupla personalidade.

– Não estão errados. A mocinha é Taciana e, pela suas recordações, é também Maria do Carmo. Paulino, nem todos os casos parecidos com o de Taciana são recordações do passado. Fatos assim podem suceder por vários motivos.

– Um deles é a recordação do passado.

– Não resta dúvida – respondi. – A recordação indevida do passado pode ocasionar danos. A de Taciana não foi espontânea, nem porque ela quis. Aconteceu pelo choque, e talvez por ter ocorrido no passado algum fato parecido que lhe marcou muito. Percebo também que Taciana não

recordou todo o seu passado, mas só que se chama Maria do Carmo. Lembrou-se também de Daniel, ao vê-lo, mas não sabe bem quem é ele, só que o quer muito bem.

– Antônio Carlos, o que pensa fazer?

– Levar o médico encarnado, doutor Cassiano, a curá-la.

A primeira providência foi Paulino incorporar-se, em uma reunião no centro espírita em que dona Heloísa, a avó de Daniel, freqüentava e conversar com ela explicando a situação.

– Então – repetiu dona Heloísa –, devo transmitir ao meu neto Daniel o que me disse, e pedir-lhe que converse com o médico que cuida de Taciana. Que coisa incrível! Esquecer-se desta existência e só lembrar-se da outra.

– Incrível ou não, foi o que aconteceu. É melhor para Taciana não tomar remédios fortes e não pensar que está louca. Também deve começar logo o tratamento que necessita.

– Acredito no que disse este espírito, vovó – falou Daniel. – Acho que foi isso mesmo o que aconteceu. O difícil será conseguir falar com o médico e ele acreditar no que irei lhe contar.

Fomos com Daniel ao sanatório, no sábado à tarde. Ele insistiu, pediu, mas não conseguiu falar com doutor Cassiano. O moço, porém, não desistiu e voltou no domingo à tarde. Era dia de visita e o sanatório estava lotado. Daniel ficou na sala de espera. Paulino pediu mentalmente à secretária e, para nosso alívio, a moça falou com Daniel.

– Como você é insistente. O doutor não tem tempo para conversar com desconhecidos. Mas vou ajudá-lo, pelo menos vou dizer a ele que você está aqui.

– Não se esqueça de falar que é importante, por favor.

Lá fomos, Paulino e eu, com a secretária. Paulino pediu mentalmente para o doutor Cassiano atender nosso amigo.

Podemos pedir mentalmente, e algumas pessoas sentem nossos pensamentos como idéias ou vontade. Mas nem todas recebem ou captam; mas de qualquer forma têm o livre-arbítrio para atender ou não. Para a nossa alegria, doutor Cassiano respondeu:

– Tenho alguns minutos de folga. Deixe o rapaz entrar.

Daniel entrou na sala um tanto encabulado. Demos-lhe coragem e ele falou rápido.

– Doutor Cassiano, desculpe-me incomodá-lo, mas é importante. É sobre a paciente Taciana, que diz se chamar Maria do Carmo. Minha avó é espírita, e lá no centro que frequenta, um protetor, espírito amigo, disse que Taciana foi na encarnação passada Maria do Carmo e que o susto que levou, fez com que recordasse e se refugiasse no passado.

– Ele também recomendou como devo tratá-la? – indagou o médico, mais por brincadeira.¹

– Sim, é para o senhor conversar com ela e fazê-la recordar-se do seu passado, ajudando-a a voltar ao presente. Enfrentando o problema, ela irá se curar.

– Ela pode ser uma assassina!

1 – Doutor Cassiano, mesmo se dizendo espírita, ainda não tinha plenos conhecimentos dos ensinamentos da doutrina; daí a sua incredulidade sobre a informação (Nota do Autor Espiritual).

– Não acredito!

– Tenho que ir atender uma paciente – falou o doutor Cassiano, despedindo-se. – Vou estudar o caso de Taciana com todo cuidado, como faço com todos os pacientes deste hospital.

Daniel deu-se por satisfeito. Doutor Cassiano duvidou e pensou: “Cada uma que acontece; recado de um abelhudo desencarnado...” Mas sabia ser possível e ficou a pensar no assunto. Paulino e eu tudo fizemos para que ele refletisse em tudo o que Daniel lhe falara.

Naquela noite, esperamos doutor Cassiano adormecer, provocamos seu afastamento do corpo e lhe falamos explicando o que ocorria com Taciana, e pedimos que colaborasse conosco. O médico acordou e não se recordou, mas ficou com uma vaga idéia e resolveu logo pela manhã, quando chegou ao sanatório, examinar novamente Taciana. Fisicamente a garota estava bem e, curioso, o médico resolveu indagar:

– Como se chama?

– Maria do Carmo.

– Onde mora?

– Na fazenda Santa Maria.

– Quantos anos tem?

– Vinte e três.

– Você se lembra do último Natal? Como foi?

Taciana falava calmamente, prestava atenção nas perguntas e respondia tranqüila. Ao descrever o Natal, o último que passou, doutor Cassiano compreendeu que era a cena de um Natal do século passado. As respostas da garota o intrigaram. “De fato” – pensou –, “o choque pode

ter levado esta jovem a recordar-se e, conseqüentemente, a pensar que vive na encarnação que teve anteriormente. Talvez aí esteja a comprovação de que realmente existe a reencarnação.”

Doutor Cassiano marcou um horário quase diário para conversar com ela e suspendeu as medicações, deixando somente um calmante suave à noite. Com isso Taciana melhorou, já não se sentia tão prostrada e passou a dormir normalmente. Passeava pelo pátio e pelo sanatório.

Doutor Cassiano deixou um recado na portaria do sanatório: se Daniel voltasse ali era para levá-lo até ele. No domingo seguinte, Daniel foi visitar Taciana, encontrou-se com doutor Cassiano e combinou com ele contar-lhe tudo o que descobrisse sobre Taciana. Ao visitar a ex-namorada, Taciana o tratou com carinho e ele descobriu que ela o tinha amado na encarnação anterior.

– Mário Luiz – pediu ela a Daniel. – Não me chame de Taciana. Por que me tratam assim? Não gosta do meu nome?

– Gosto. Vou chamá-la só de Maria do Carmo.

As entrevistas entre o doutor Cassiano e Taciana ficaram cada vez mais interessantes. Paulino e eu insistíamos, e muitas vezes tentamos intuir os dois, ajudando sempre a jovem. Taciana aos poucos ia recordando sua outra existência.

Tinha sido filha de um colono de uma fazenda. Amava um jovem, de nome Mário Luiz, também colono. O dono da fazenda, Abílio, era casado e morava com a esposa e filhos em outra propriedade. Encantou-se com Maria do Carmo e a desejou. Ela não o queria e teve medo

dele. Ele chantageou o pai dela que, por motivo de doença da esposa, devia-lhe dinheiro. Abílio pressionou o pai da moça, dizendo que, se Maria do Carmo não fosse morar na casa-grande como sua amante, ele o mandaria para a prisão e colocaria sua família fora da fazenda. Todos ficaram apavorados. Maria do Carmo se sacrificou, despediu-se de Mário Luiz, que prometeu ser seu amigo, e foi morar na casa sede da fazenda. Abílio tratou-a bem, com carinho, presenteou-a com roupas e jóias. Desfrutava de uma vida sossegada, era tratada como patroa e teve dois filhos. Abílio ia sempre à fazenda, porém com o tempo as visitas foram escasseando e Maria do Carmo sentiu-se sozinha. Nunca deixou de amar Mário Luiz e este a ela. Acabaram se aproximando e tornaram-se amantes. Mas o segredo dos apaixonados chegou até Abílio, que um dia retornou à fazenda de surpresa.

– É Abílio, chegou sem avisar, o que será que aconteceu?

Taciana se assustou e parou de narrar. Doutor Cassiano insistiu.

– O que Abílio lhe disse? Recorde, Maria do Carmo!

– Ele me xingou, fiquei com muito medo. Descobri meus encontros com Mário Luiz. Entrou no meu quarto e me olhou com ódio. A faca! Não! A faca não!

Taciana gritou desesperada. Doutor Cassiano tentou acalmá-la, mas insistiu para que recordasse.

– Que ele fez com a faca?

– Enfiou-a no meu peito!

Doutor Cassiano aplicou em Taciana uma injeção forte e ela adormeceu. O médico deixou ordem para que

quando acordasse a levassem até ele. Taciana dormiu por horas e, quando acordou, foi levada por uma enfermeira até o doutor Cassiano. Quando ela viu o médico, implorou:

– Doutor Cassiano, ajude-me, estou confusa. Morri ou não morri? Vi e senti a facada. Mas não tenho nem sinal nem marca. Que acontece comigo?

Taciana chorou e doutor Cassiano a consolou.

– Minha filha, acalme-se. Vamos continuar a recordar. Acabará por compreender tudo. Não se afobe! Aqui está segura, não tenha medo. Vamos continuar. Abílio entra no seu quarto, ofende-a e a fere com uma faca. E depois? Vamos lembrar!

– Sou duas. Sim, estou ali em pé olhando Abílio que ainda me xinga, e a outra está deitada entre a cama e um móvel. Tenho os olhos abertos e estou toda suja de sangue. Estou apavorada. Abílio sempre maldizendo chama dois capangas, que saem da casa; eu os sigo. Vão atrás de Mário Luiz, e o encontram no campo. Amarram-no com uma corda e ele é puxado por um cavalo pela fazenda. Deixam-no muito machucado e, depois de algum tempo, fica como eu, transforma-se em dois. Escuto alguém dizer: “Ele morreu!”. Fico olhando tudo. Os dois corpos são velados por poucas horas e enterrados. Estava com vinte e três anos. Meus dois filhos foram para a casa dos meus pais e Abílio falou ao meu pai que ia sustentá-los. Nada aconteceu com Abílio pelo duplo assassinato. Disseram que foi em defesa da honra. Mas nem esposa dele eu era. Nossos pais choraram, mas acabaram se conformando. Confusa, choro. Vejo um senhor, um homem idoso que me oferece ajuda. Aceito e ele me leva para um lugar agradável, onde sou bem

tratada; gosto de lá. É bonito! É um posto de socorro, um lugar onde são abrigados e socorridos os necessitados.

Taciana cala-se. Doutor Cassiano compreende que Maria do Carmo desencarnou, vagou e depois foi levada para um socorro, num posto de auxílio, que era um local fraterno de ajuda ao próximo. Taciana fica pensativa, até o próximo encontro com o doutor Cassiano. Este, intuído por nós, trouxe para a garota alguns livros espíritas.

– Que aconteceu comigo, doutor Cassiano? – indagou Taciana preocupada. – Lembro-me de que morri, ou, como me ensinaram nesse local em que estava, que desencarnei. Não era este meu corpo. Quando morta, ou desencarnada, meu corpo era diferente, era perispiritual. Estou inventando tudo isto?

– Maria do Carmo, somos espíritos eternos, vivendo ora no corpo físico, ora desencarnado com o corpo perispiritual. Você não inventou nada. Na encarnação anterior foi Maria do Carmo e tudo o que recordou, aconteceu. Mas por hoje chega! Trouxe-lhe estes livros. São muito bons e falam sobre esse assunto: encarnação, desencarnação e reencarnação. Você vai gostar deles.

Taciana foi para o quarto, ou seja, para a enfermaria feminina. Acariciou os livros com carinho. Eram eles *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*, ambos de Allan Kardec. Começou a lê-los em seguida. As partes que falavam sobre reencarnação, leu-as muitas vezes. Ficou ansiosa para conversar com doutor Cassiano e, quando o encontrou, falou contente:

– Doutor Cassiano, o que aconteceu comigo foi que recordei minha encarnação anterior. Não estou louca!

– Nunca estive, minha filha, só um pouco confusa. Mas ainda tem muito para recordar. Vamos continuar nosso trabalho. Concentre-se. Você está num lugar agradável e bonito, gosta de lá. Você vê Mário Luiz?

Doutor Cassiano acabou por se acostumar a chamar Taciana de minha filha, porque ela insistia que se chamava Maria do Carmo e, não querendo desagradá-la, optou por esse termo carinhoso. Com a pergunta do médico, Taciana ficou pensativa e depois respondeu:

– Sim, encontrei Mário Luiz. Ele é bom, perdoou e ajudou Abílio, que logo depois foi assassinado com um tiro, bem longe da fazenda em que morávamos. Abílio sofreu muito, eu não quis vê-lo, mas Mário Luiz o ajudou. Depois ele foi trazido para o posto de socorro, e acabamos fazendo as pazes. Mário Luiz me dizia: “Maria do Carmo, nós também erramos. Você deveria ter vivido como esposa de Abílio, aceitando e se conformando com a situação. Eu não deveria ter me aproximado de você. Precisamos perdoar, para merecer o perdão de Deus”. Depois...

Taciana parou de falar e doutor Cassiano insistiu.

– Depois? Fale minha filha.

– Preparei-me para reencarnar. Agora sou Taciana! Por isso é que todos me chamam de Taciana. Chamo-me Taciana!

– Sim, você agora é Taciana – falou doutor Cassiano.

Começou a interrogá-la. Onde mora? Quando nasceu? Que faz? Quem são seus amigos? E Taciana foi recordando.

– Meu Deus! – exclamou. – Daniel é Mário Luiz!

Em outra conversa ela lembrou-se de Aloísio.

– Doutor Cassiano, Aloísio era Abílio! Taciana falou com medo.

– Que tem isto? Acha ruim?

– Não sei!

Doutor Cassiano parou por aí. Mas ficou a pensar: “Taciana deve ter se confundido, quando entrou no açougue. Se Aloísio era Abílio, ela ficou com medo de ele matá-la. No açougue há facas. Talvez o moço a ameaçasse. Ela então o matou. Coitada desta menina! Que fazer para ajudá-la?”

A família de Aloísio pressionou a polícia para que Taciana fosse levada para um manicômio judiciário. Doutor Cassiano tudo fez para impedir, e conseguiu que prevalecesse sua vontade. Embora convencido de que fora Taciana que matara o rapaz, entendeu os motivos. Mas a justiça dos homens entenderia?

Daniel ficou a par dos acontecimentos. Tornou-se amigo do doutor Cassiano. Conversavam e trocavam idéias, quando ia ao sanatório.

Taciana falou a Daniel de suas recordações. Ele não recordou nada, mas sentiu que tudo o que ela falou era verdadeiro. Daniel e Taciana reconciliaram o namoro.

– Amo você, Daniel! Amei-o como Mário Luiz e o amo agora.

– Eu também a amo!

Com todos esses acontecimentos Daniel se interessou pelo espiritismo. Taciana também passou a ir às sessões do sanatório e a ler livros espíritas. Daniel procurou ir com frequência ao centro espírita que a avó freqüentava. Numa dessas idas, Paulino incorporou-se e falou com Daniel.

– Daniel, Taciana não matou Aloísio. Diga isso ao doutor Cassiano.

Doutor Cassiano acreditou no recado, sentiu-se até aliviado. Torcia para que Taciana não fosse a assassina. Insistiu com ela para que recordasse tudo.

– Taciana, recorde! Você encontra a porta do açougue encostada, entra. O que vê?

– Ai! Socorro! – gritou Taciana. – Vejo Aloísio caído com a faca no peito. Quero ajudar, não sei como. Abaixo e tiro a faca, que está suja de sangue. Grito, grito!

– Quem matou Aloísio? Você viu? Foi você?

– Não sei quem o matou. Serei eu? Fui eu? Meu Deus! Será que matei Aloísio pensando que era Abílio? Será que fui eu? Não me lembro!

Chorou desconsolada.

– Não foi você! Não foi! – falou doutor Cassiano, com certeza pensando no recado que recebera. – Você entrou e o viu caído, morto. Vamos recordar.

Taciana com medo se recusou. Mas no outro dia, ela recordou tudo.

– Não matei Aloísio. Encontrei-o morto. Doutor Cassiano, estou com medo, será que foi Daniel? Terminei o namoro com ele para encontrar-me com Aloísio. Será que foi ele?

Doutor Cassiano não respondeu. Para ele, Daniel era um bom moço, mas não descartava a hipótese. Por ciúmes muitos crimes são cometidos. Ainda mais estando vinculados por rancores de outra encarnação.

Taciana quis ir para casa.

– Doutor Cassiano, estou bem. Sinto-me bem. Quero ir para casa.

– Por enquanto, não, Taciana. Você é acusada de assassinar Aloísio.

– Eu?! Mas não o matei!

– Sabemos disto, mas a polícia, não. Ninguém viu nada de suspeito, só você entrou no açougue. Encontraram-na gritando, suja de sangue e Aloísio, morto. São muitas as provas contra você. Aqui está protegida.

– Tenho medo. Não quero ser acusada por um crime que não cometi.

Daniel se entristecia e pensava: “Aloísio é culpado de tudo, fez com que sofrêssemos na encarnação anterior e ainda faz nesta. Não gostei da pergunta que Taciana me fez: ‘Você matou Aloísio?’. Duvidou de mim. Somos inocentes. Ela está sendo acusada e eu poderei ser também. Ainda mais que naquele dia faltei à aula para vigiar Taciana, e depois de vê-los na praça fui para casa. Mas acreditarão? Se a suspeita for levantada, as pessoas lembrarão que me viram na praça.”

Foi então que sentiu, pela primeira vez nesta encarnação, raiva de alguém, de Aloísio e de seu assassino, que ninguém sabia quem era. Para se distrair, pegou *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e abriu ao acaso. Ou pensou que fora ao acaso. Paulino, que já havia preparado a lição que o ajudaria no momento, fez com que abrisse no capítulo XII, na mensagem escrita por Adolfo.

“Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida como uma viagem que o deve levar a um destino certo, faz pouco caso das contrariedades do caminho e dele nunca se desvia. De olhos fixos na meta a que se destina, pouco lhe importa se os obstáculos e os espinhos do caminho podem lhe causar danos, já que eles apenas o

roçam sem o ferir e não o impedem de avançar. Arriscar a vida em duelo para se vingar é uma injúria, é recuar diante das provações que tem que passar. É sempre um crime aos olhos de Deus. Se não fôsseis enganados, como sois, pelos vossos preconceitos, o veríeis como uma coisa ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.”

“Que bonita lição de amor” – pensou Daniel. – “Se perder tempo com rancores estarei desperdiçando-o. Não quero ter raiva. Perdoei Aloísio no passado e o perdão de novo, como também quem o matou e nos colocou nesta situação.”

Orou para Aloísio e sentiu paz.

Mas, enquanto aconteciam esses fatos narrados, Paulino e eu entramos em ação para descobrir os assassinos de Aloísio, porque certamente não fora Taciana, mas poderia ter sido Daniel?

Fomos ao local do crime, o açougue, que estava fechado, e pela Psicometria pudemos ler o que aconteceu naquele dia.

Psicometria é a leitura da memória de objetos, de coisas ou de lugares. Os objetos possuem a virtude de receber e conservar eflúvios vitais de acontecimentos vividos, de fatos marcantes. Pela concentração de quem sabe fazê-lo, obtêm-se bons resultados. Entretanto são informações do próprio éter imanente no objeto, e não da matéria que o constitui. A Psicometria é mais fácil para os desencarnados, mas muitos encarnados podem fazer uso dela, desde que aprendam. Desencarnados também precisam aprender e treinar. Psicometria, então, é a leitura dos acontecimentos que registram a história na matéria.

Assim, Paulino e eu vimos pelo sistema vibratório os acontecimentos que se passaram ali, no açougue. Concentramo-nos nos que nos interessavam, ou seja, na desencarnação de Aloísio.

Aloísio chegou ao açougue, despediu-se do empregado, que foi logo embora. Deixou a porta encostada, abriu a gaveta do dinheiro e começou a contá-lo. Dois adolescentes, sendo um menor de idade, entraram e o surpreenderam. Ele tentou reagir, e um dos assaltantes pegou uma faca em cima do balcão e enfiou no peito dele, que desencarnou na hora. Fugiram apavorados nem levaram o dinheiro. Logo depois, Taciana o encontrou.

Aloísio desencarnou e foi socorrido pela sua bisavó que o levou para um posto de socorro. Estava em tratamento. Paulino até pensou que Aloísio pudesse vir ditar uma mensagem à família, pela psicografia, e inocentar Taciana e Daniel. Mas a família de Aloísio não acreditava em espiritismo.

Os parentes de Taciana sofriam com o ocorrido. Os pais acreditavam na inocência da filha e não sabiam o que fazer para ajudá-la.

Vendo os assaltantes, Paulino e eu fomos à procura deles. Por informações de trabalhadores de um centro espírita, localizamos os dois na periferia da cidade. Eram amigos e vizinhos. O maior de idade, Valdir, já havia cometido outros crimes. O outro, com dezesseis anos, Mané, um bonito menino, começou cedo na marginalidade, e também já participara de muitos assaltos. Ambos eram viciados em drogas.

Ficamos observando os dois, que tinham por companhia espíritos afins, mas eles não nos viram. Tentamos

fazê-los pensar no crime que cometeram, mas eles nos repe-
liam. Tentamos ajudá-los com conselhos, fizeram o mesmo.
Éramos intrusos que os incomodavam. Apiedamo-nos
dos dois jovens, entretanto não se pode ajudar quem não
deseja. A ajuda espiritual tem que ser pedida e aceita, senão
torna-se inviável o auxílio.

Aguardamos uma oportunidade e esta não demorou.
Numa batida, a polícia os encontrou com drogas e os pren-
deu. Foram interrogados por um delegado, uma pessoa
simpática que atendeu nossos rogos.

– Hei, vocês dois, confessem o crime que comete-
ram! – falou sem perceber e até estranhou.

Os dois se assustaram, e o delegado olhou para eles
com piedade.

– Vamos, confessem! – repetiu.

– Que crime? – indagou Valdir com medo.

– O que barbaramente cometeram!

Como os dois ficaram espantados, o delegado interes-
sou-se, sentiu que eles escondiam algo mais e os ameaçou.
Valdir, querendo se livrar, falou:

– Não fui eu, senhor delegado. Foi ele quem matou
o açougueiro. Foi ele!

– Cale a boca, idiota! – disse Mané. – Você está
dopado.

De fato, os dois haviam consumido uma quantidade
grande de drogas.

– Vão me falar tudo direitinho. Que açougueiro?
Quem vocês mataram? O jovem do açougue da avenida?

– Foi ele! – repetiu Valdir. – Foi ele!

– Covarde! Não fui eu! Está pondo a culpa em mim,
porque sou menor.

Os dois acabaram se agredindo. O delegado mandou tirar Mané da sala e interrogou Valdir, que acabou falando tudo. Foi ele quem matou Aloísio. O delegado deixou os dois presos e se comunicou com seu colega, outro delegado que estava encarregado de desvendar o assassinato de Aloísio.

– Prendi dois adolescentes que confessaram ter matado o jovem açougueiro.

Taciana foi inocentada e Daniel ficou livre das suspeitas. Quanto aos dois adolescentes, Valdir ficou preso e Mané foi encaminhado a uma instituição apropriada.

– Taciana, minha filha – falou doutor Cassiano –, pode ir para casa. Foram dois assaltantes que mataram Aloísio; confessaram e estão presos. Você pode retornar ao seu lar, pois está muito bem. E não se esqueça dos meus conselhos. Você teve um trauma ao ver Aloísio morto. E foi só! Nada de comentários. Tudo isso logo será esquecido.

– Agradeço comovida. O doutor foi muito bom para mim. Acreditou no que eu dizia. Não me esquecerei de seus conselhos. Lembrei-me de minha existência passada, mas devo ignorá-la. O que passou, passou, o presente é o que interessa. Vou de agora em diante seguir a Doutrina Espírita e quero ser uma boa espírita.

– É isto aí, garota. Felicidades!

Doutor Cassiano teve a comprovação da lei da reencarnação, e passou a se dedicar com mais carinho aos estudos espíritas.

Logo que Taciana chegou em casa, parentes, vizinhos e amigos foram visitá-la, querendo saber dos detalhes. E, seguindo o que lhe foi recomendado, respondeu que teve um simples trauma. Como o doutor Cassiano predisse, logo se

desinteressaram do assunto. Taciana ia logo voltar a estudar, e teria que repetir o ano, mas não se importava. Mudou, tornou-se responsável e passou a dedicar-se ao trabalho de casa com carinho. Ela e Daniel reiniciaram o namoro e começaram a freqüentar juntos um centro espírita.

Uma visita a surpreendeu.

– Taciana – chamou-a sua mãe. – Os pais de Aloísio estão aqui e querem falar com você.

Taciana ainda estremeceu ao lembrar-se dos acontecimentos. Foi à sala, toda encabulada.

– Taciana – disse o pai de Aloísio –, viemos visitá-la. Como está passando?

– Não fui eu quem matou Aloísio! – disse toda nervosa e baixinho.

– Sabemos disso – disse a mãe de Aloísio. – Viemos para nos desculpar.

– Desculpo sim, desculpo – falou rápido.

O casal percebeu que incomodava a mocinha e desculpou-se com os pais de Taciana.

– Compreendemos – disse a mãe de Taciana –, temos filhos e calculamos o que é perder um.

O casal despediu-se.

– Paulino – disse eu –, volto ao meu trabalho.

– Tudo terminou bem, também volto aos meus afazeres no centro espírita, mas não esquecerei de Valdir e Mané, irei visitá-los sempre e tentarei ajudá-los, encaminhando-os ao bem.

– Espero que consiga!

Abraçamo-nos.